



GIL VICENTE

Semanario defensor dos interesses locais
(Humorístico, Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente,"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACAO
*Pardiez! siete arpepelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUEIRO*

Director e Editor:—Arthur Fernandes de Freitas
Redactor principal:—Eduardo de Souza
Administrador:—A. Faria.
Secretario da redacção:—Simão Pinheiro R. Guimarães
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

Armando Luciano Guimarães

É este numero consagrado, em parte, a um camarada e a um amigo que morreu: melhor teria sido fazê-lo na occasião do seu fallecimento, mas o tempo diminuto que havia não permitiu que n'essa occasião triste e dolorosa tal consagração tivesse logar. Fazemo-lo hoje.

E fazemo-lo ao peso da mesma dor, de maior dor ainda, se possível é: o tempo, girando e passando sem desfallecimentos nem hesitações, longe de diminuir a commoção que sentimos, augmentou-a em intensidade e grandeza: quanto mais afastados estamos da data luctuosa do seu passamento, mais fundo se vai cavando o vacuo que nos creou a sua perda insubstituível.

Recordar é viver a vida novamente, nos seus multiplos sacrificios e nos seus mais variados mysterios: é fazer retroceder o tempo e presenciarmos uma vez mais ainda scenas, factos e figuras passadas que a nossa dor deplora, mas que a nossa saudade vai entretecendo de poesia, de amor e de grandeza.

Recordar faz bem á alma, tranquillisa e dá suavidade e calma ao coração.

Eis porque ao lembrarmos a figura gentil e inapagável do que em vida se chamou Armando Luciano Guimarães, os dias de felicidade e prazer, de ventura e entusiasmo que, juntos com Elle, passamos, nós sentimos a par d'um sentimento intenso, uma

infinita doçura, uma bem vincada e firme tranquillidade apossar-se do nosso espirito e do nosso ser.

Hoje, que já passou um mez sobre a hora em que cerrou para sempre seus olhos á luz gloriosa do mundo que Elle mal trilhou e pisou — alvorada que, rapida, se converteu em crepusculo, pallida chama que por instantes deu brilho mas que em breve se apagou — nós tinhamos a indeclinavel obrigação de organizar como que uma pagina de consagração á sua memoria sagrada, escripta pelos que em vida lhe foram mais afeiçoados e foram conjunctamente os seus mais intimos e leaes amigos.

Esse dever é hoje um facto e tem agora plena realisacão.

Esta pagina ficará a attestar, não um grau de eloquencia ou de effeitos rhythmicos ou estylísticos que não queremos nem podemos mostrar, nem esse é o nosso intuito; ella fica somente a revelar o quanto era apreciada pelos seus dotes de honra e de cavalheirismo uma creatura que sabia ser dedicada, e a chamar que a sua lembrança não se apagou ainda nem apagará jámais.

Cumprimos assim um dever á sua memoria e ficaremos com a consciencia em paz.

Isso nos basta!

Descance na serena tranquillidade do seu tumulo quem, pelo mundo em fóra, foi bom e toda a vida foi sincero!

A Redacção.

IN MEMORIAM

Foi no dia 12 de Junho, por uma manhã linda de sol, dessas manhãs em que o astro-rei, em scintillações auríferas, imprime á natureza sorridente e alegre o tom vibrante e melódico d'uma alvorada!

Toda a natureza parecia sorrir de contente, entoando hymnos olympicos d'amor, e no entanto, entre as fôlas almofadas do leito que foi confidente e testemunho de tantos desalentos e martyrios, adormecia no somno placido da morte, um dos mais intimos amigos que eu possuia, um dos sinceros e leaes companheiros que encontrei n'este extenso e tenebroso mar de illusões e desenganos — a vida!

Oh! como é triste ver desaparecer para sempre na voragem mordaz da parca implacavel, como petala de rosa que o vento arroja ao pó e leva pelo espaço, uma alma no vivo fulgor da mocidade!

Armando Luciano Guimarães, era ainda uma creança!

Com 19 annos apenas, quando á vida, aos clarões alvarescentes d'um horizonte, em que os primeiros reflexos da felicidade lhe principiava a sorrir, deixando-lhe antever as mil venturas d'um risonho futuro, embaldado nos doces sonhos d'amor que tanto enlavravam aquelle coração de jovem ardente e apaixonado, veio então a morte inexoravel e sinistra, estender traiçoeiramente o seu manto negro — da cor da noite escura —, por sobre aquelle corpo fragil e doentio, enchendo assim de dor pungente uma amantissima familia e um grande numero de amigos que tanto o estimavam.

Quantas lagrimas derramadas... quantas saudades sentidas!...

Repousa, pois, em paz amigo saudosissimo e nunca olvidado, que da memoria dos que por ti tinham o mais acrisolado affecto, jamais á tua imagem sorridente se varrerá.

A esta homenagem justissima mas dolorosa que te consagra o «Gil Vicente», de que foste um entusiastico fundador, eu quero associar-me tambem, depondo sobre a lousa branca e fria que encerra o teu corpo exanime, uma coroa de saudades e regando com as lagrimas sentidas da minha dor, as flores que hoje adornam o teu leito mortuario.

A. FREITAS.

Saudades

Fomos ha dias visita-lo á campa em que repousa para sempre: junto do tumulo que guarda, como reliquia sagrada, seu corpo inanimado e sem vida, a nossa Saudade fallou a sós com Elle, e recordou, viveu dias que outr'ora tinham sido de illusões, de esperanças e de sonhos.

E alli, bem perto d'Elle, eu vi, eu senti a cruzeta sinistra da morte e o que ella fizera de todo um passado risonho: vi o amigo inseparavel aniquilado, as esperanças cahidas, as illusões dispersas, os sonhos em louca debandada, e sem realisacão...

Inditoso amigo! Para toda a parte me acompanhavas: eramos uns quasi irmãos que não podiamos andar um sem o outro, indestructiveis como eram os laços de franca amizade que nos prendiam...

Hoje, tudo lá vai... o furacão maldito da morte tudo subverteu e tragou: tinhamos um futuro risonho e o Destino converteu-t'o na sepultura em que jazes e dormes o somno infinito da morte, da eterna noite sem alvorecer!

E como ao despedir-me n'esse dia, em que á tua campa eu fui n'um acto de dever e de gratidão eu direi agora: «Adeus amigo! Descança! A vida é má... quem sabe se a morte será bella?»

Sobre a lousa gelada em que repou-

sas eu deponho não as minhas lagrimas de homem — os homens não sabem chorar — mas as flores perfumadas e bellas da minha amizade, da amizade que tu, bom amigo, sabias nunca teve interrupção nem foi nunca assombreada sequer por uma ligeira indifferença ou dissencção.

Gostavas de flores: ao pé de ti as coloco. Junto do tumulo dos rapazes ficam bem...

Ergam ellas seus braços delicados para o ceu; abram seus labios de setim ao azul do infinito, e peçam por ti a Deus.

Descança!
EDUARDO PASSOS.



Na terra da Pureza e da Verdade
Para onde a tua Alma se evolou,
Gozas a paz que a Vida recusou
A' tua desculpada mortuaria.

Dezenove annos! Nem sequer viveste!
A Vida para ti foi um momento...
Tveste a duração d'um pensamento:
Botado de rosa a sair, logo morreste...

Junto a Deus dormes teu somno profundo!
Familia, amigos tua perda abram...
Repousa em paz na campa! Por ti eram
Todos quantos amaste pelo mundo...

JOÃO DO ANDRÉ.

HOMENAGEM SINCERA

*Como é triste morrer-se
ainda novo...
Armando Luciano.

Duas linhas apenas, quero traçar para mais uma vez prestar a minha profunda e dolorosa homenagem A'quele que em vida era para mim um grande e desinteressado amigo, o mais intimo entre todos: — Armando Luciano Guimarães.

Nestas pallidas linhas o meu coração expõe o que sente de mais belo, de mais puro e sacrosanto: a dor pungente e dolorosa pela perda d'Esse que devia ser um grande cidadão e um grande amigo.

Infelizes os que morrem.
Depois de se baixar ao tumulo, aqueles que nos prestam culto em vida, são os primeiros a olvidarem-nos miseravelmente...

A hipocrisia desmascara-se cinicamente depois de se morrer...
Desceste á sepultura, mas jámais serás esquecido porque marcaste um logar insubstituível pelo teu caracter e pela tua conducta que por todos era apreciada.

Estas desataviadas palavras são sinceras, porque são inspiradas na verdade nua e inconfundivel.

Para ti não ha hipocrisia, somente ha o que o coração afirma de mais sincero: o sentimento da dor.

Adeus! o reino que merecias na terra assim o tenhas conquistado no Ceu.

Julho — 1919.
SIMÃO PINHEIRO.

As dolorosas saudades que sinto por ti comovem-me, por que tu, Armando, eras um caracter admiravel e um amigo leal e sincero.

ALFREDO FELIX.

12 de Junho

Pobre amigo! As gelidas ventanias da morte, convertendo-se em furacão terrível, despedaçaram neste dia a tua existencia e arrojaram-te ao medonho sorvedouro do sepulchro! E' tão triste morrer na primavera da vida!

Quando todos julgavamos que a tua existencia teria ainda longa duração, quando todos esperavamos ansiosos pela tua convalescência, foi então que a morte — esse cruel e pavoroso cozeiro da humanidade, — te arrastou ao fundo d'uma sepultura!

Para ti, pobre amigo, raiou já a esplendidissima aurora de sorridentes venturas no seio de Deus; o teu cadaver desceu, frio e gelado, a um tenebroso tumulo, mas a tua alma subiu, alegre e satisfeita, á luminosa patria dos justos.

Seja-me permitido, pois, preantear o teu destino doloroso e abençoar com lagrimas de gratidão a tua memoria que indelevelmente ficará gravada no meu fiel coração d'amigo.

Descança em paz.

JOÃO MENDES FERNANDES.

Reminiscencias dolorosas

Que recordações é que saudade eu tenho de ti meu caro e jámais esquecido amigo!

Com que profunda magua me vem á memoria os dias em que tu me encontravas e com a maior satisfação te dispunhas a passear comigo, convencido evidentemente da minha leal amizade, e pelas ruas da nossa desditosa mas sempre querida terra lá seguivamos vagorosamente, como era do teu agrado.

Tu sempre alegre e satisfeito, contavas-me coisas de negócios e de amores: assim nos iam proporcionando horas de boa e leal camaradagem.

Quantas vezes me fallavas tu dum amor que tinhas!
Coitado! Pelo que me dizias reconheci bem que lhe prestavas uma veneração profunda, que lhe consagravas o mais sincero, o mais puro amor!

Mas, Armando, essa que para ti era o teu enlêvo, não te retribuía aquella inclinação amorosa como era de esperar.

Eras enganado, pobre amigo!
Pouco antes de morreres tiveste a prova disso.

Quando precisavas de coragem e recebias conforto de tua familia e dos teus dedicados amigos, recebeste tambem um ultrage infame de quem tinha, mais que ninguem, por obrigação dar-te alentos e dar-te vida, com palavras de animo e de amor...

Sustentar sequer o ridiculo engano até que tu deixasses de existir. Fazer sacrificio, ter compaixão, evitando assim o golpe doloroso que bastante te magoou no estado em que a doenca te puzera. O insulto que recebeste nunca te apagará da memoria d'aquelles que se chamaram amigos.

O «Gil Vicente» presta-te hoje o devido culto, perpetuando o teu triste fallecimento com o retrato e collaboração dos teus amigos nas suas colunas.

Não podia deixar de me associar a tão justa homenagem porquanto a amizade que entre nós havia nem a implacavel morte a destruiu.

Roubou-te é certo ao seio de tua familia e ao convívio dos teus colegas, mas não deixarás de ser chorado enquanto a morte não arrastar aquelles que muito te queriam.

JOAQUIM MARTINS.

Armando Luciano Guimarães

É meu dever associar-se hoje, a tam justa homenagem, que o «Gil Vicente» presta a este desventurado amigo, e que foi um dos seus principais fundadores, comemorando assim o trigéssimo dia do seu nefasto falecimento.

Um mês é já passado e ainda a sua imagem se conserva bem firme na mente de todos aquelles que eram seus liais e verdadeiros amigos, bons e inseparaveis companheiros.

Como é triste e doloroso, o sentir a perda irreparavel dum amigo, que tam cedo desapareceu do nosso fraternal convívio!

Armando Luciano, novo ainda, pois contava apenas dezoenove annos de idade, soube bem depressa conquistar a boa amizade d'estes, que hoje lamentam o seu infortúnio, chorando a sua morte.

Quando já lhe sorriam esperanças, e o futuro lhe acenava com um lenço branco e perfumado, o desditoso jovem e bom amigo, caiu exanime, vencido pela Morte implacavel e maldita, que cortou para sempre o fio da vida aquelle que era o enlêvo da sua extensa familia e dos amigos dedicados.

Morreste? Não! Vives em mim e em todos, que nesta dor profunda me acompanham, apresentando uma figura sempre viva a retratar a tua vida exemplar de dignidade, brio e educação.

Assim, lamentando a tua triste sorte e como amigos queridos, jámais te poderemos esquecer.

A' inconsolavel familia, mais uma vez envio o meu sentido cumprimento, numa saudade, que fica orando é que nunca olvidará o amigo dedicado, que dorme na paz do Além.

MARCELINO FERNANDES.

Pobre companheiro!

Faz hontem um mez que deixou de fazer parte dos vivos mais um infeliz companheiro dos bancos da escola.

Pobre Armando!
Morreste quando a vida te sorria, quando tudo te era belo, deixando em todos os teus amigos uma saudade que jámais se apagará.

Combatestes com a morte a ver se ainda poderias voltar de novo ao nosso convívio, mas ella — a negra e implacavel — venceu-te.

O teu passado bem o conheço, porque eras no tempo da escola o condiscipulo querido, habil e sempre prompto para tudo: era meu dever sagrado, pois, prestar-te agora esta sincera homenagem.

Mais queria escrever, mas a commoção que sinto n'este momento é tão grande que me impede de transmitir pela pena os pensamentos tristes que me veem á mente.

Adens! que Deus te cubra de gloria como aquella que merecias na terra.

Julho — 1919.

JOÃO S. S. RIBEIRO.

A' MEMORIA DE ARMANDO LUCIANO

A dor pungente que n'estes ultimos dias me vem torturando tem seu motivo unico no desaparecimento d'este querido e inolvidavel amigo.

Era um companheiro exemplar e como tal o estimava, quer pelo seu caracter e lealissimo, quer pela sinceridade que o distinguiu. Foste arrancado brutalmente ao seio dos que mais te queriam, mas cre que, embora passem os annos, tu, querido amigo Luciano, jámais deixarás de existir e de viver na minha memoria.

Pobre Armando! Como é triste morrer na flor da juventude!

Recebe um novo e sentido adeus e até á eternidade.

VICENTE PINHEIRO RIBEIRO.



Armando Luciano Guimarães
MISSA

A redacção do «Gil Vicente» de commum accordo com os amigos mais intimos do saudoso Armando Luciano Guimarães, mandam hoje celebrar uma missa de suffragio, por alma do inditoso extinto, na igreja de S. Pedro, pelas 11 horas da manhã.

Convidam, portanto, todas as pessoas das relações do finado e da ex.^{ma} familia, a assistirem ao religioso acto, pelo que desde já muito reconhecidos agradecem.

Pela redacção e pelos amigos,
Arthur Fernandes de Freitas.

O Desejado

A attitude que a gente que habita algumas horas por dia o velho casarão de S. Bento em Lisboa, está a tomar para com a memória honrada e saudosa de Sidonio Paes, é das mais revoltantes e das mais iníquas.

Todos os dias aparece quem pretende denegrir esse vulto grande de ser útil á terra que lhe não compreendeu as intenções. E não lh'as compreendeu, porque há muito não estava habituada a ver surgir do meio de tanta covardia, um corajoso, como foi essa victima da demagogia que nunca lhe perdoou, porque não sabe perdoar, o t'ê lá, êle, corrido a vergastadas do poder, onde se acoitara ia em sete anos.

Mas os ataques, porque partem de inimigos sem entranhas e sem coração, só sam dignos do mais absoluto desprezo. Atacem-no porque êle já não vive. Chasquem-no, porque o mandaram matar. Escarneçam-no, porque êle dorme o último sono na cidade da anarquia e do crime. Emquanto viveu, nunca se atreveram a encará-lo de frente.

No país, ou conspiravam na sombra, porque sabiam bem quanto eram odiados, ou o bajulavam num servilismo que causava náuseas e vômitos; no estrangeiro promoveram contra êle e o seu governo uma campanha de descrédito que atingiria a própria nacionalidade no que ela tem de mais levantado—á independência—se os estranhos não soubessem bem quem eram os difamadores.

A demagogia é tam mã e tem tam pouco amor ao país, que não duvidaram os seus coriferos, em dizer ás nações que intervissem

nos negócios de Portugal. Foi uma campanha de tração, a que fizeram muitos dos que hoje se sentam nas cadeiras do parlamento, e que em qualquer país do mundo, que não fosse o nosso, há muito estariam nas profundas do inferno com meia duzia de balas no corpo.

Sidónio Pais, essa figura a quem a morte elevou e engrandeceu, a tudo resistiu, porque uma nação inteira lhe dizia estar a seu lado na luta contra uma minoria abjecta e infame, que não tendo nenhum meio de que podesse lançar mão para o aniquilar, o mandou matar por um sicário, que, com certeza, gritou ao desfechar—viva a república! Esta seita desprezível que tripudia e ri, ou há de mandar, calcando aos pés os que não pensam como ela, ou escala o poder, matando.

E coisa curiosa: D. Carlos foi alvejado por uns *iluminados*, assim chamou o manteigueiro de Coura aos assassinos, precisamente no momento em que o reartista ia encetar uma vida nova para o seu país; Sidónio Paes aconfece-lhe o mesmo, porque a demagogia não se resignou a estar mais tempo á espera do mando. Não o podendo vencer pela força, venceu-o com um tiro.

Não lhe convem, como vemos, os progressos da Pátria. Que ela mate, compreende-se. Esse modo de liquidar inimigos pertence-lhe. Não só em Portugal, mas em toda a parte. Mas o que custa a comprehender é que uma nação inteira que odeia a demagogia, que a aborrece, que sente nojo por ela e pelos seus homens mais representativos, a suporte, a não corra, dum vez para sempre, do governo para fora.

O Presidente assassinado, teve amigos, e numerosos, quando governava. Morto, onde estão êles? O modo como muitos dos que o seguiram se portam agora para com a obra do grande homem de bem, que foi Sidonio Paes, surpreende-nos! Até aquêles que para si pretendem fundar um partido qualquer, deixaram de falar na obra do domador das feras humanas do nosso país, *com medo das pedras*, quem sabe! E contudo, sam na sua maioria indivíduos que acompanharam o homem, que no Parque Eduardo VII, numa manhã de dezembro, dizia ao país inteiro que á hidra demagógica entrara na agonia! Enganou-se o grande Morto! Ela não agonizava porque ainda teve forças para armar o braço assassino do Costa, que talvez nem seja julgado.

E sam tam covardas os demagogos, que não queriam a paternidade do crime. Acusaram os monárquicos.

Escarnecei do Homem, que a história há de repetir-se, infames! Há de repetir-se, oh! se há de!

Tribuna independente

A romaria de S. Torcato

Há longos annos que a conhecemos.

Em parte exalação espontânea e pura da crença popular do nosso ridente Minho, romagem de super-abundante fé daquêles que junto do Santo Mártir vão implorar uma graça ou agradecer um beneficio obtido; miscelânea horrenda e carnavalesca de trajes estrambóticos e mortaldas de penitências, *kermesse* espirituosa de tocatas e vozeios desafinados, cortejo desagradável de saltimbancos e ulcerados, tudo isto movido por um comércio em larga escala e estonteado por uma infinidade de potentissimos *pelardos* rebentando na atmosfera, eis, ainda que imprecisamente, o que é a Romaria do Santissimo Bispo Mártir que a frente da sua exígua grei affrontou corajosamente a ira de Maomé!

Festa religiosa com exteriores impudentemente mundanos, consagração significativa e evidente dum crença secular e inextinguível, demonstração viva e evidente de que os cérebros do meio dia, cheios de sangue quente e palpitante, misturam ignorantemente o sagrado com o carnavalesco, aproveitemos lhe o melhor, a parte primeira, perdoemos ao nosso bom povo as demonstrações ridículas de uma pueril e bem mal cabida folgança e deixemos que os francezes digam na sua bem conhecida altivez, que a fé dos portuguezes é festejar santos com foguetes, conquanto, seja dito muito em segredo, os homenzinhos tenham carradas de razão.

Feitas, porém, estas poucas considerações, saiba o leitor que apesar do tempo nada convidativo que este ano fez, nós lá fomos, *malgré nous*, á romaria, cumprir, é claro, a nossa devoção junto do santo mártir. A mesma fé do costume, ou talvez ainda mais, os tempos explicam isso.

Surpreendeu-nos muito, porém, um facto que há longos annos presenciámos e que este ano constituia uma degradante, pouco honesta e tristemente desavergonhada exhibição: refiro-me, é claro, ás cantigas desonestas, impuras e aviltantes que lábios e linguas enxovalhadas lá cantavam com indisivel prazer. Era realmente de mais!... Mas... o facto explica-se.

O nosso povo que aliás está péssimamente educado e que ninguém ainda tentou educar, é, por isso mesmo, mais propens o para o mal e não esqueçamos que, por essas terras fóra, hoje mais que nunca, vagueiam uns míseros saltimbancos explorando a decadência moral do povo, trilhando o

palco com a pobre, estúpida e lamacenta literatura das *Revistas*.

Esta impressão deveras triste que nos causaram tais *novidades*, arraçou protestos a muitos homens sensatos, que ali vão cumprir, acima de tudo, um dever de fé, se bem que se entreguem a gosos decentes e próprios de uma romaria que mais não é do que uma peregrinação junto de um dos maiores santos da Igreja.

O nosso povo é assim infelizmente. Leva uma promessa ao Santo e canta no trajecto uma cantiga deprimente, ao mesmo tempo que é muito capaz de entoar um hino sagrado. Triste e simbólico indício de uma estúpida ignorância que mais felizes nos faria se terminasse o significativo sintoma de que Horácio se fosse vivo engrossaria sensivelmente a falange daquêles que com êle cantaram, num *se laisser-vivre* infame... *Me pingue et nitidum. Epicuri de grege porcum...*

Mas... continuemos com o *refrain* do costume: o nosso povo é simples e crente, ignorante e bom... não curemos nunca de o educar, enquanto que os francezes lá vão entoando ofensivamente para nós: *Fetêr les saints avec des pétards, voila la foi des portugais.*

Cassandro.

Uma carta

Ill.^{mo} Snr. Director do «Gil Vicente»

Concedida pela Ex.^{ma} Comissão Administrativa, os habitantes do Costanheiro á Vaca Negra estavam usufruindo os beneficios da luz electrica. Não venho falar-lhe dos sitios onde foram colocadas as lampadas, pois não quero maguar absolutamente ninguém, embora haja muito que dizer a esse respeito. Desejo simplesmente o auxilio do seu «Gil Vicente», como propugnador dos melhoramentos locais, para chamar a attenção da Ex.^{ma} Camara para o seguinte facto:

Na Vaca Negra existe, como todos sabem, numa reintrancia propositadamente feita á margem da estrada um fontenario e lava-doiro publicos que já antes da iluminação pouco firmavam em limpeza. No entanto os *sebentos* tinham toda a escuridão e toda a estrada era deles. Agora, porem, como é natural, retiraram-se para o mais escuro o que dá em resultado ser o local do fontenario—manancial para mais de cem habitações—o preferido para toda a casta de porcarias e até varias immoralidades. O mais comezinho raciocinio indicava a quem superintende nesta coisa de luzes que o sitio mais precario duma

lampada era precisamente o lava-doiro publico, não só pelo que fica exposto, mas tambem porque ahí se lava e toma agua quase toda a noite. Não sei se para isto reparou o digno concessionario da luz ou quem se encarregou do serviço, o que sei porque o ouço, é o estado permanente das queixas de que me faço eco agora, porque, emfim, foi dada por pronta a instalação.

Ora para que os habitantes possam agradecer o beneficio da luz é preciso que esta os satisfaça preenchendo uma falta. Essa falta sente-se todas as noites, pelo que ficava bem a Ex.^{ma} Camara mandar vistoriar o local não acreditando em nós e, ou colocar mais uma lampada como é da mais rasoavel coherencia, ou separar algumas que mais juntas por acaso estejam, até que recaia lá uma.

E' isto o que pedem, Snr. Director, os habitantes deste logar pela boca do seu admirador e creado.

R. E.

Os empataz das touradas

Conta-nos o «Commercio de Guimarães» maravilhas acerca das touradas que uma comissão de devotados entusiastas queriam realizar, alugando a praça respectiva aos seus donos e senhores...

Pelos vistos, vê-se que a referida comissão não viu coroados de êxito, como era de esperar, os seus esforços e os seus trabalhos.

Para nós, não é isto motivo de espanto ou de admiração; estamos acostumados a estes movimentos *generosos* de bairrismo, patriotismo, e tudo que termina em *ismo*.

Quando para enviar uma mensagem ao sr. administrador dos correios e telegraphos (que diga-se de passagem ainda não obteve resposta porque o tempo não chega para politica), foi preciso andar da casa de Pilatos para a de Caiphás, pedindo quasi por favor, já nada nos surprehende!

Ora pois! Não temos touradas! Vae-se á vela o numero mais sensacional das festas, aquelle que mais forasteiros trazia a esta terra.

E diz-nos o «Commercio» que foi por um motivo de ganancia.

Sacrifica-se o brilhantissimo d'umas festas antigas que aqui deixam dinheiro e beneficios materiaes de toda a ordem, a abominaveis questões do *venha a nós...*

Como nos appeteceria repetir alto e bom som aquella celebre palavra de Cambrone!

Mas tambem como é triste, haver *empataz* d'esta natureza que tudo impedem e estragam!

Amôres!...

Novella vimaranense

1860.

Em uma algida manhã do mez de janeiro, por sobre a enorme toalha de neve que cahia em flocos, e fustigada pelos contínuos açoitos do vento cortante que soprava rijo dos lados da Serra de Santa Catharina, correu em Guimarães a noticia de que, para os lados do Castello, entre o sêro da Arcella e a nesga curvillinea da Cruz d'Argola, tinha sido commettido um assassinato em circumstancias verdadeiramente extraordinarias e inexplicaveis.

Assim o iam affirmando as pessoas que passavam, as gadrugadoras e as noctivagas—aquellas para quem a lucta recomeça com o alvorecer de cada dia e aquellas para quem a lucta nunca tem fim—lugarejas e serviaes, artifi-

ces e vendilhões, bohemios, namorados e pedintes, as primeiras sob essa impressão de aparvalhada espanto que o seu fallar denunciava e o seu olhar trahia, as segundas de indignado protesto contra o auctor ou auctores, do barbaro attentado, umas e outras, porem, na áncia de darem uma nova que cada qual commentava a seu sabôr, depois de a ter augmentado, como é da praxe.

Essa noticia ia ser, n'esse dia e nos seguintes, durante uma semana, ou um mez, o assumpto predominante, unico por certo, das conversas nas salas e nas lazeiras, nos estabelecimentos e nos pontos de reunião e de conversa, nomeadamente no botequim do Vago Mestre, celebre porque n'elle se reunia por essa epocha e ainda muitos annos depois, a intellectualidade vimaranense, a juventude doirada, a fina flôr, emfim, na segunda cidade minhôta.

Era uma sala acanhada, de pa-

redes nuas e pequena altura, com duas portas para a Praça do Toural, sala quasi tão larga como comprida que quatro unicas mezas de simples, luzidio marmore, com as competentes cadeiras de palhinha, — não muito confortaveis, mas muito frescas—, guarneciam e enchiam, escassamente alumada por outros tantos candieiros d'azeite e onde o fumo da cosinha que lhe ficava na rectaguarda, entrando, passando e repassando durante annos consecutivos,—e gerações inteiras—, como velho e assiduo frequentador, tinha comido o verniz dos moveis,—prehistoricos—, dando-lhes a côr,—igual e uniforme—, da carne ensacada, ou dos chouriços fumeiros.

Por ali passou tudo quanto, em Guimarães, havia então de mais nobre e mais selecto, de mais illustre e mais distinto, nas sciencias e nas letras, nas artes e nas industrias, no commercio e na agricultura,—n'uma epocha

em que as diversas classes da sociedade, respeitando-se mutuamente faziam, no entanto, vida á parte, seguindo os indicações e as tendencias dos seus mais altos e preclaros representantes.

N'esse botequim famoso em que o viandante amanhã não reparará por certo, mas cuja lembrança ha-de perdurar como um dos pontos de reunião mais celebres de Guimarães, de todos os tempos, dentro d'aquellas paredes ennegrecidas em que o talento de tantos e tão notaveis espiritos projectou luminosos e eternos reverberos, sobre aquellas pequenas e modestas mesas de café que o tempo consumiu, ou o fogo calcinou, discutiram-se, com amor e com carinho, todos os assumptos que diziam respeito á terra querida que lhes foi berço,—e sepultura!—, com a mesma attenção, com a mesma anciedade, com o mesmo interesse dos rabujos e inveterados jogadores do *Quino*, ou do *Xadrez*, com a

mesma obstinação, com o mesmo zelo, com a mesma solicitude dos parceiros habituaes do jogo das *Damas*, que por ali passaram, ralharam, gritaram, sortiram, visto que todos elles e cada um de per si, por *Sua Dama*,—*A Patria!*—, sacrificariam de bom grado a propria vida, ou esta palavra magica não tivesse sido, sem contradita, o santo e a senha, o lema e a divisa d'uma abençoada *maçonaria* que os obrigou, enlaçou e prendeu, para sempre, a todos, tanto aos que apenas discutiam, como aos que jogavam—e ganhavam ou perdiam!...

Mas, a uns e a outros, o mesmo céu os cobriu; o mesmo sol os acariciou; nas aguas dos mesmos fontes; nas melopeias do mesmo vento; no encanto dos mesmos logares; no perfume das mesmas flores; nos arroubos dos mesmos sonhos; nas endeixas dos mesmos madrigaes; nos transportes das mesmas paixões; vive-



Anniversarios

Durante esta semana fazem annos as Ex.^{as} Snr.^{as}:

- Dia 15—D. Christina Amélia da Silva Carneiro.
- » 16—D. Rosa Ribeiro Martins da Costa Peixoto Bourbon.
- » 17—D. Alcina Carneiro.

E os Snrs.:

- Dia 14—Paulo Lobo Machado (Nespeira).
- » 16—Manuel de Freitas Aguiar.
- » 17—Fernando Augusto da Costa Freitas.
- » 17—Eduardo Costa.
- » 19—Gonçalo Christovão Meireles.

—Parabens.

Chegadas e Partidas

Partiu a da Coruña, Hespanha para o Rio de Janeiro o nosso presado amigo snr. Fernando Paço Vieira, filho estremecido do snr. Conde Paço Vieira. Boa viagem.

Partiu ante-hontem para Melgaço, onde vai fazer a cura das aguas, o nosso presadissimo amigo snr. Dr. Augusto Cunha.

Regressou a esta cidade, de volta da sua viagem comercial á Estremadura, Alemtejo e Algarve o nosso amigo snr. Alvaro Ferra.

Parte brevemente para o Rio de Janeiro, onde vai dedicar-se á vida commercial, o nosso amigo snr. Gaspar Maria Vieira de Freitas Almeida Aguiar, filho estremecido do tambem nosso amigo snr. Silvino d'Almeida Aguiar e sobrinho da Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Martins Sarmiento, viuva do grande sabio e saudoso archeologo vimaranense Francisco Martins Sarmiento. Boa viagem e muitas felicidades.



Por Guimarães

Assignatura da Paz

Reuniu ante-hontem a commissão administrativa da Câmara Municipal, conjuntamente com a commissão nomeada para a festa a realizar-se amanhã, nesta cidade, commemorando a Assignatura da Paz, afim de organizar o programa, que ficou assim constituído:

- Alvorada—2 musicas e fogo.
- A's 12 horas—as mesmas demonstrações festivas.
- A's 15 horas—Cortejo Civico, que irá saudar o regimento de Infantaria n.º 20, seguindo o seguinte

ram, sorriram, amaram,—e morreram!—, e assim, é a vida do mesmo braço que muitos d'elles um dia enlaçaram e a mesma mão,—leal e amiga!—, que muitos d'elles apertaram um dia, que os traz gratamente, carinhosamente, piedosamente, á evocação do momento que passa, erguendo-os do olvido em que, porventura, cahiram, recordando-os, intruduzindo os nos hombros da Historia, envolvendo a sua lembrança na aureola luminosa que a compaixão e a piedade entretencem, dando-lhes alento n'uma recordação, vigor n'uma caricia, calor n'um beijo e vida n'uma saudade.

Podésse a evocação do Passado, que cada um d'esses nomes representa e a lembrança das qualidades que os impozeram ao nosso respeito, á nossa admiração, ou á nossa estima, ser o traço de união, vigoroso e forte e sem solução de continuidade entre esse mesmo Passado,—de

te itinerario: Proposto, R. Pajo Galvão, Tournal, R. 31 de Janeiro, R. 5 d'Outubro, L. Martins Sarmiento, R. Elias Garcia, L. da Oliveira, R. da Republica, Tournal, L. Prior de Crato, R. S. Damaso e vae dispersar junto do Theato D. Affonso Henriques, para o que foram convidados varios oradores.

A's 22 horas—Concerto no Jardim Publico pela banda regimental de Infantaria 20.

Foi resolvido official á Direcção da Associação Commercial, pedindo para que o commercio feche as suas portas ás 12 horas. Igualmente foi resolvido officiar aos snrs. proprietarios das fabricas, para permittirem que o seu pessoal se incorpore no cortejo, e pedir aos habitantes que embandeirarem e illuminem as fachadas dos seus predios.

Conego José Maria Gomes

O snr. Ministro da Justiça acaba de nomear Juiz de Direito substituto desta comarca, o antigo Deputado e illustre professor do nosso Liceu, snr. Conego José Maria Gomes.

O «Gil Vicente» felicita o seu presado amigo, pois que a nomeação não podia ser mais acertada, atentas ás suas belas qualidades e á consideração porque S. Ex.^a é tido.

Amores!...

Por ter sabido com bastantes gralhas, difficil de corrigir, a novella vimaranense *Amores!...*, do nosso illustre conterraneo e distincto collaborador snr. Fernando da Costa Freitas, dámo-la hoje novamente á luz da publicidade.

Creche de S. Francisco

Frequentaram este estabelecimento beneficente durante o ano economico de 1918-1919, 9158 crianças, sendo 4834 do sexo masculino e 4324 do feminino.

Durante o mez de outubro esteve fechado por determinação da autoridade sanitaria, por virtude da epidemia «Bronco-pneumonia» que grassou com grande intensidade nesta cidade.

Este estabelecimento beneficente é digno da protecção publica, pelos altos beneficios que presta á indigência, e muito principalmente ás operarias que vão ali levar seus filhos pela manhã e voltam a buscá-los ao fechar das fabricas.

Durante o dia são tratados com os carinhos e confortos inherentes á sua tenra idade.

Bela instituição!

Paz, de Patriotismo e de Honestidade,—e o Presente que vamos atravessando ajouçados ao péso d'um mal que não fizemos, tornando assim a vida digna, como outr'ora, de ser amada, digna, enfim, de ser vivida!...

O botequim do Vago Mestre foi, simultaneamente, associação e gremio, assemblea e club, academia e cenaculo e quantas vezes até—casa da camera e tribunal!

Todas as questões se trataram ali; d'ali se orientava e dirigia a opinião; ali se crearam, formaram e discutiram todos os empreendimentos da moderna Guimarães, pelo que esse celebre botequim deve ser considerado ainda como o ponto de apoio, o fulcro abençoado e luminoso d'uma nova alavanca de Arquimedes soerguida então pelos braços vigorosos e herculeos dos maiores patriotas que aquella terra jamais teve, n'uma ancia de desenvolvimento, de progresso, de consideração e de renome, que constitue

Novo administrador

Tomou ha dias posse da administração d'este concelho o snr. Gaspar Pereira de Magalhães Carvalho, chefe da repartição da Junta Geral do Districto.

Attento do exemplo dos seus antecessores, crêmos bem que não parará muito por estas redondezas.

Não haverá um filho d'esta terra que, isento de *politiquice*, queira tomar conta da nossa administração?

Guimarães estará tão falha de competencias que seja preciso ir a Braga buscar uma auctoridade?

Romaria de S. Torquato

Conforme noticiamos teve lugar no domingo transacto, a grande romaria de S. Torquato, sem duvida a maior e mais imponente romaria do Minho.

Apesar do tempo chuvoso que se apresentou, a concorrência não foi menos que a dos outros annos, vendo-se os comboios apinhados de gente.

Em virtude do mau tempo não chegou a sahir a apparatusa procissão nem a illuminação pôde acender-se.

A noite apresentou-se mais calma, decorrendo o arraial bastante animado.

Apuraram-se, de esmolas offer-tadas ao Santo, 8:187\$100 reis, mais 3:062\$305 reis que o anno passado.

Na verba do rendimento d'este anno estão incluídas 93 e meia libras em ouro.

O rendimento d'este anno, com o agio das libras e ainda com o producto da venda de algum ouro offerecido, deve andar por cerca de 9:000\$000 reis.

Pezaram-se, tambem, 118 kilos de cera.

Não ha memoria de um tão grande rendimento!

Exames do 7.º anno

Já principiaram no Lyceu Central Martins Sarmiento os exames do curso de 7.ª classe, sendo presididos pelo nosso conterraneo Snr. Dr. Nicolau da Silva Gonçalves, professor do Lyceu de Braga.

Orfeon de Guimarães

Partem brevemente para Lisboa os orfeonistas Snrs. A. L. de Carvalho, Adriano Tropa Ramos e Manoel Pereira Mendes, afim de entregar a S. Eminencia o Snr. Cardeal Patriarca a representação desta cidade em que lhe é pedida auctorisação para

para todos os que ali nasceram, ali sentiram germinar os primeiros pensamentos e viram florir os primeiros amores, um titulo de gloria e um pergaminho da mais alta e authentica nobreza,—como manifestação da excellencia da alma do menor numero em pról da comunidade e beneficio da greyl

Hoje, esquecido e abandonado o botequim fechou!

Fugiu tambem a alegria que o animou outr'ora e dos seus dias de celebridade, das suas noites de convivencia, de animação e de ruido, resta apenas a lembrança enternecida,—dóce velhinha de cabellos brancos!—, tão pura, tão funda, e tão suave,—ai!—, como o roçar d'um beijo, ou como o êsto prolongado d'uma saudade —que o viandante não avalia, nem sente, nem comprehenderá por certo!...

Lisboa maio de 1919.

FERNANDO DA COSTA FREITAS.

aqui poder residir o distincto regente do Orfeon, Rev.º José Maia dos Santos.

Oxalá sejam attendidos na sua justa petição, pois muito terá a lucrar a cidade de Guimarães.

Casamento

Realizou-se ultimamente em Braga, no Bom Jesus do Monte, o enlace matrimonial do nosso querido amigo, Snr. Alvaro das Neves Velloso, laureado alumno da Faculdade de Direito de Coimbra, com a Snr.^a D. Maria de Jesus Ferreira.

Aos sympathicos noivos enviamos as nossas felicitações, desejando-lhe, uma prolongada e risonha lua de mel.

Cinema ao ar livre

Hoje ás 10 horas da noite realisa-se um atrahente espectáculo na Praça de Touros de Guimarães.

Será exhibido o importante film *Torre Infernal* e o conhecido artista José Avelino executará alguns dos seus melhores trabalhos.

Ex.^{mas} Snrs. Directores da Companhia de Seguros «Atlantica» — Porto.

Eu abaixo assignado venho por meio deste agradecer á Companhia de Seguros «Atlantica» a forma bizarra como liquidou o principio de incendio ocasionado no dia 2 do corrente num dos meus predios, sito no lugar de Seleirô, freguesia de S. Faustino de Vizela, concelho de Guimarães, o que faço livremente para honra dos mesmos, autorisando-os a fazerem desta o uso que entenderem.

S. Faustino de Vizela, 7 de Julho de 1919.

João Antonio Faria.

«A AVÓ»

celebre romance de Emílio Richebourg

Pedidos a

Belem & C.^a, Suc.

Rua da Era, 15-1.º — LISBOA

ALUGA-SE

A casa das Lameiras, d'esta cidade.

Falar com o solicitador Pimenta.

Ao exercito: Cotins militares. Artigos de 1.ª qualidade a preços baratos na Casa Martins,

Largo Dr. Sidonio Paes

Bom emprego de capital

Vendem-se frez predios, juntos ou separados, situados no mais bello bairro da cidade — Largo Martins Sarmiento números 94 a 102.

Quem pretender pode dirigir-se ao Solicitador Francisco de Faria, desta cidade, que dará as informações necessarias.

Sopa Economica Vimaranesa
Assembleia geral

São convidados os snrs. subscriptores d'esta instituição a reunirem-se em assembleia geral, no proximo dia 13 do corrente mez, pelas 11 horas, no edificio dos Bombeiros Voluntarios, a fim de dar-se cumprimento ás disposições dos n.ºs 1.º e 2.º do art.º 15.º do respectivo estatuto (eleição de commissão administrativa a prestação de contas).

Se no dia designado não comparecer numero bastante, fica desde já convocada a mesma assembleia geral para o dia 20, á mesma hora e no mesmo local.

Guimarães, 4 de Julho de 1919.

Pela commissão instaladora,
Joaquim José de Meira.

«ATLANTICA»

Seguros maritimos e postaes.

VENDA DE PREDIOS

Vendem-se duas moradas de casas de 3 andares situadas, com os n.ºs 15 a 21, na praça de D. Affonso Henriques, d'esta cidade, n'uma das quaes está instalado o Grande Hotel do Tournal e tem quintal com tanque e agua potavel em abundancia e sahida para as vielas de Arroche-la e da Mizericordia.

Para tratar com o solicitador Jeronimo de Castro, rua da Republica 228—Guimarães.

QUINTA

Compra-se uma pequena propriedade, tendo casa de habitação.

Carta a V. X. P.—Rua Mousinho da Silveira, 168 — Porto.

DINHEIRO

Da-se por hypotheca e compram-se predios. Solicitador Pimenta.

CALÇADO

Fazem-se concertos R. Gil Vicente 59 a 65—GUIMARÃES

GRAND PRIX
CONTRA DEBILIDADE
O MELHOR TONICO
QUE SE CONHECE
TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS
E FARMACOLOGOS ESTRAANGEIROS
EM TODAS AS PARTES DO MUNDO

Premiado com medalhas de ouro,
Lisboa 1888, Paris 1889,
Belem 1893,
Lisboa 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1906,
Mostrando a lista de premios em 1915.

Pedro Franco & C.^a L.^{da}
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

